

## MAS ISSO É ASSUNTO DE CRIANÇA? UMA LEITURA DE *O MEU AMIGO PINTOR* E *NÓS TRÊS*, DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Clóvis Meireles Nóbrega Júnior (CNPq/UFG/IFB)

clovisufg@ibest.com.br

**Resumo:** Lygia Bojunga Nunes é uma das mais importantes escritoras da literatura infanto-juvenil brasileira. Tendo escrito mais de uma dezena de livros, a autora é consagrada nacional e internacionalmente, sendo que muitos de seus livros já foram traduzidos para as mais diversas línguas. Lygia foi a primeira escritora latino-americana a receber, pelo conjunto de sua obra, o prêmio *Hans Christian Andersen* (prêmio literário internacional, considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil). Em 2003, para nossa surpresa e alegria, a academia sueca concedeu novamente o prêmio a esta grande dama da literatura infanto-juvenil brasileira. Nesse trabalho, propomo-nos a analisar duas obras de Lygia Bojunga Nunes: *O meu amigo pintor* e *Nós três*. Obras que, na divisão proposta por Vera Maria Tietzmann Silva, se encerrariam na fase mais cinzenta da autora (SILVA, 1994). Considerando que ambas as narrativas abordam temas polêmicos: como o suicídio e o crime passionai, procuraremos explicitar a maneira como Lygia desenvolve esses temas na composição dessas duas obras. Em ambas as narrativas, os protagonistas (pré-adolescentes) se confrontam com situações complexas e precisam superá-las. Assim, acompanhamos, através da história, a dor, a angústia e a superação desses conflitos por parte das personagens protagonistas. Como veremos, ambas as personagens passam por um processo de iniciação e nós, “personagens-leitores”, também não saímos imunes após tal experiência.

**Palavras chave:** Lygia Bojunga Nunes; *O meu amigo pintor*; *Nós três*; suicídio; crime passionai.

Monteiro Lobato afirmava não existir fronteira entre “assunto de criança” e assunto de “gente grande”. Ao que tudo indica, Lygia Bojunga Nunes, “legítima filha de Lobato”, parece coadunar do mesmo pensamento. Em alguns de seus livros como: *O meu amigo pintor*; *O abraço*; *Nós três*; *Tchau e Retratos de Carolina*, Lygia aborda temas que à primeira vista não parecem ser adequados a uma criança.

Temas como o suicídio (*O meu amigo pintor*), o crime passionai (*Nós três*), o abandono dos filhos pela mãe (*Tchau*), o estupro (*O abraço*) e o aborto (*Retratos de Carolina*) aparecem em obras infanto-juvenis da autora. Terminada a leitura de tais obras, a pergunta nos assalta: Mas isso é assunto de criança?

Tentaremos mostrar em *O meu amigo pintor* e *Nós três* – obras que nos propusemos a analisar – de que maneira esses temas considerados “tabus” são

abordados pela autora, visto que o grande diferencial destas narrativas está na maneira como Lygia aborda essa problemática.

Em grande parte de suas obras, Lygia oferece ao leitor – por meio da linguagem, dos símbolos, das personagens – a oportunidade de vivenciar várias experiências. Essas experiências são discutidas em seus textos através de uma linguagem altamente simbólica capaz de envolver o leitor – seja adulto ou criança – além de evocar nele sentimentos e conflitos existenciais que perpassam as reflexões de todo ser humano.

Como já mencionamos anteriormente, o tema abordado em *O meu amigo pintor* é o suicídio. Logo no início da narrativa, percebemos o conflito que se instaura no interior da personagem Cláudio, um pré-adolescente, depois da morte do seu amigo, o pintor.

O grande diferencial desta narrativa está nos elementos que Lygia utiliza para representar os sentimentos, estados d'alma das personagens: as cores. Recurso utilizado ao longo de toda a obra e que confere à narrativa um tom universalizante e envolvente. Cada sonho, cada descoberta e angústia da personagem Cláudio e de seu Amigo Pintor está associada a uma cor. Nossa alma e coração de leitor, nestas horas, alcançam quase toda a dimensão que tais cores querem enfatizar.

No primeiro capítulo do livro, já entrevemos o quanto a compreensão do mundo e de si mesmo de Cláudio está associada às cores:

Eu não sei se eu já nasci desse jeito ou se fui ficando assim por causa do meu amigo pintor, mas quando eu olho pra uma coisa eu me ligo logo é na cor (NUNES, 1988, p.8).

Essa paixão e identificação com as cores são desencadeadas em Cláudio pela convivência com seu amigo e parceiro de gamão – O Amigo Pintor. A personalidade desta personagem está tão impregnada de sua arte que ele nem é nomeado durante a história:

(...) Quando ela saiu, eu fui lá em cima e contei pro **Meu Amigo Pintor** (acho que é melhor escrever o meu amigo com letra maiúscula) tudo o que tinha acontecido (NUNES, 1988, p. 13) (grifo meu).

Durante toda a enunciação percebemos apenas a designação meu Amigo Pintor para se referir a tal personagem.

Dentro desse processo conflituoso de tentar compreender a morte suicida do seu amigo, vemos Cláudio passar por um processo de amadurecimento e autoconhecimento. Entra, então, em contato com alguns sentimentos como a paixão – sentimento que para ele era vermelho, cor de coisa que ele não entendia.

Vermelho, para Cláudio, é cor difícil de entender. Segundo Limerce Ferreira Lopes (2002), essa complicação se dá porque a cor vermelha está ligada a sentimentos como a paixão, que o menino não compreende. Sua paixão por Janaína era algo que ele não conseguia explicar, só sabia que era algo vermelho – cor que ele associava ao vestido que Janaína usava quando ele a vira pela primeira.

Para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 945), o vermelho está ligado intimamente aos mais profundos impulsos humanos: ação, paixão, libertação e opressão. Ambos se sentem em situação ambígua diante dessa cor, tanto Cláudio, como o Amigo Pintor:

Acho que é por isso que eu olho tanto pro vermelho que ele pintou aqui no álbum. Pra ver se eu entendo.  
Pra ver se eu entendo.  
Pra ver se entendo por que tem gente que se mata (NUNES, 1988, p.13).

Desse modo, durante toda a narrativa percebemos uma profusão de cores: amarelo; branco; vermelho; roxo; alaranjado; azul e outras como amarelo-saudade e amarelo-síndico que o menino inventa para expressar seus sentimentos e sensações diante dos fatos da vida.

Durante a história, Cláudio tentará compreender a morte do Amigo Pintor. Passará por dúvidas, incertezas e medos. Até que, com o passar do tempo, defronta-se com um azul incrível que invadia a janela de seu quarto e o seu interior. A partir desse momento, Cláudio começa a compreender aquela situação como um todo, não tentando entender cada um de seus porquês em separado. Conforma-se com a saudade, confronta-se com seu próprio eu e acaba se autoconhecendo.

Por meio de vários recursos simbólicos e intersemióticos que a linguagem pode expressar, Lygia constrói uma narrativa que toca fundo em nossa alma – sejamos adultos ou crianças. Não existe idade para nos depararmos com nossos conflitos, assim como não existe idade para nos autoconhecermos e superarmos as perdas de pessoas tão importantes e que gostamos de maneira “grande demais”.

Maria Luiza Bretas Vasconcelos (2001), ao analisar a obra de Lygia Bojunga Nunes em sua dissertação de mestrado, afirma que as obras da autora podem ser

divididas em três fases: “tempo da fantasia”, “tempo da angústia” e “tempo da memória”. Já Vera Maria Tietzmann Silva (1994), nos diz que a obra de Lygia pode ser dividida em dois momentos: o “luminoso” e o “cinzento”.

Assim como *O meu amigo pintor*, *Nós três* pertence à “fase cinzenta” na divisão proposta por Tietzmann Silva ou ao “tempo da angústia” como propõe Maria Luiza Bretas Vasconcelos. A autora ainda ressalta que a obra de Lygia como que “adultece” a cada novo livro.

Em *Nós três*, outra vez, nos surpreendemos com um tema considerado tabu para crianças: o crime passional. Davi é assassinado por Mariana que teme perdê-lo. O assassinato e o sumiço do corpo – Mariana o atira ao mar – são presenciados por Rafaela, também uma pré-adolescente.

O grande encanto do livro – e talvez de todas as narrativas de Lygia – é a maneira como a história nos é contada. Tudo é muito mágico, simbólico e filtrado pela rica imaginação da autora.

Davi é um aventureiro. Filho de atores mambembes que viviam sempre viajando, desde a infância, ele não sabe o que é morar em um lugar fixo. Logo que cresce torna-se marinheiro. Apaixona-se, ao longo da vida, por algumas mulheres e acaba perdendo um braço, acontecimento que o obriga a abandonar o mar. A paixão pelo mar é algo presente em sua vida.

Mariana, por sua vez, é uma artista, escultora, que mora numa praia de pescadores quase deserta. Considera-se uma artista de corpo e alma, mergulhada em sua arte e em si mesma. Para vivê-la de modo pleno, foge de sua vida confusa no Rio de Janeiro e refugia-se em um lugar calmo – para viver sua arte.

A responsável pelo encontro de Davi e Mariana é Rafaela, Rafa. A terceira parte do triângulo que compõe *Nós três*. Rafa encontra com Davi na praia, encanta-se com ele e os dois terminam se tornando amigos. Rafaela os apresenta, Davi e Mariana, e os dois se apaixonam. Eles começam a viver uma relação. Davi tinha alma aventureira e, ao que tudo indica, Mariana o amava demais, temendo perdê-lo para o mar, para outras mulheres, para a vida. Por essa razão, acaba assassinando o seu amado.

Rafa enfrenta toda essa situação durante o período de férias que passa na casa de praia de Mariana. A história, de enredo aparentemente simples, é carregada de simbologia e poeticidade. Como não pretendemos nos alongar muito, apresentaremos apenas um elemento que aparece na obra e que é carregado de simbologia: a flor azul.

No início da narrativa, Rafaela colhe uma flor pouco depois de uma forte ventania. Segundo um velho pescador da ilha, aquela era a única flor da qual a morte gostava, não a amassando com a pata do cavalo em que galopava.

Rafa colhe essa flor que “guardava o amor dentro dela” (NUNES 1987, p.10) para dar de presente a Mariana. No caminho de volta para casa, acaba encontrando Davi e resolve entregar-lhe a flor como recordação. Davi guarda a flor dentro do bolso. Levava ali dentro, agora, o amor e a morte.

É impossível não relacionar esta passagem com um conto de uma outra Lygia, Lygia Fagundes Telles. No conto *Herbarium*, um conto de iniciação, a narradora, uma pré-adolescente, vive sua primeira paixão. O amado era um primo botânico, convalescente que se hospedara na chácara onde ela morava com as tias. O tal primo tinha um herbário e logo que chega incumbe-a de ser sua assistente. Sua missão: coletar flores e folhas para a coleção dele.

Certo dia, a menina entrega-lhe uma folha em formato de coração que ele alinhava no peito, presa ao suéter. Quase no final do conto, quando a menina fica sabendo da partida do primo, ela encontra, muito escondida, uma folha em formato de foice. Além do formato, a folha era toda manchada de vermelho. Tentando modificar o destino do primo e da sua paixão, ela recusa-se a dar ao primo a folha que representaria sua sentença de morte:

Tia Clotilde previa os destinos mas eu poderia modificá-los, assim, assim! e desfiz na sola do sapato o ninho de cupins que se armava debaixo da amendoeira. Fui andando solene porque no bolso onde levar o amor levava agora a morte (TELLES, 2001, p.135).

Como podemos notar, a obra de Lygia Bojunga Nunes, bem como a de Lygia Fagundes Telles estão impregnada por uma linguagem simbólica e universal. Como explica Jung:

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional (JUNG, 2000, p.20).

Desse modo, por meio dos símbolos e da expressão artística tão presentes nas narrativas de Lygia Bojunga, é que seus personagens e leitores encontram formas de escape, valendo-se do imaginário e refletindo, a partir dele, sobre a realidade

que os cercam e as emoções que trazem dentro de si. Nesse caso, não importando se são adultos ou crianças.

### Referências

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva *et ali*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

JUNG, Carl G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LOPES, Limerce Ferreira. “A simbologia das cores no processo de criação em O meu amigo pintor”. In: TIETZMANN SILVA, Vera Maria. (Org.). *Nas malhas da rede narrativa: estudos sobre Lygia Bojunga Nunes*. Goiânia: Câne Editorial, 2002. (Série Primeiros Vãos).

NUNES, Lygia Bojunga. *O meu amigo pintor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

\_\_\_\_\_. *Nós três*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

TELLES, Lygia Fagundes. “Herbarium”. In: *Pomba enamorada ou uma história de amor e outros contos escolhidos*. (Org. Léa Mazina). Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 127 –137.

TIETZMANN SILVA, Vera Maria. “O mar na ficção de Lygia”. In: *Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos*. Goiânia: CEGRAF, Editora da UFG, 1994, p. 83 – 109.

VASCONCELOS, Maria Luíza B. B. *Lygia Bojunga Nunes em três tempos: o processo de sua criação*. 2001. Dissertação (mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, UFG. 2001.